

GT76: Sujeito e religiosidade: práticas, representações e experiências

Bruno Bartel, Edilson Márcio A. Silva

No início do século XIX, Hegel inovou ao postular que toda consciência resulta de um processo de formação histórico-cultural, posição também assumida por Marx que, juntamente com Freud e Nietzsche, viria a assumir indelével influência na obra de Foucault. Uma das mais renomadas referências no debate acerca das relações entre o sujeito e o poder, o filósofo francês notabilizou-se ao elaborar uma perspectiva teórica invulgar na qual a noção de insubmissão da liberdade ocupa um lugar privilegiado. Partindo dessa perspectiva - sem, contudo, nos atermos a ela -, interessa-nos refletir sobre a relevância da religiosidade na produção de modos de ser/estar no mundo, enfocando, em especial, as práticas, representações e experiências que orientam as estratégias de luta empregadas por diferentes sujeitos para fazer frente às relações de poder que se lhes impõem nas múltiplas e variadas esferas da vida social. Em linhas gerais, o GT pretende constituir um espaço de diálogo e reflexão em torno de fenômenos como: ações rituais coletivas, controvérsias públicas, modos de engajamento disciplinar, mobilizações políticas etc., cuja análise servirá de subsídio a uma problematização mais ampla do papel desempenhado pela religiosidade na produção da consciência e, por conseguinte, na construção de sujeitos nas sociedades contemporâneas.

Adorem a Allah em suas casas: Cyber Islam e pandemia

Autoria: Felipe Freitas de Souza, Isabella Macedo de Lucas

Este trabalho é uma derivação da investigação sobre a islamofobia em espaços virtuais, levando a dois movimentos dos pesquisadores: a observação não-participante das expressões islamofóbicas online e a vivência nas redes observando grupos islâmicos distintos e suas reações a diferentes eventos. Considerando que a pandemia de Covid-19 impactou na pesquisa e nos grupos observados, levando a reconfigurações dos espaços e dos tempos virtuais e de seus usos, a comunidade muçulmana brasileira encontrou na virtualidade, por diferentes contingências decorrentes da pandemia, uma projeção de sua própria imagem e prática. Tal ocupação do espaço virtual levou ao surgimento de grupos de pesquisa e de ativismo, à exposição da identidade árabe-islâmica, à transmissão de rituais de ordens sufis, à criação de grupos de aplicativos de comunicação para compra e venda de produtos islâmicos e demais iniciativas para lidar com as restrições de aglomeração e com as intenções de agirem junto a outros muçulmanos. Frente à restrição de aglomeração de pessoas, por exemplo, circularam diferentes narrativas do Profeta Muhammad abordando desde os cuidados ao se lidar com uma peste, a higiene das pessoas muçulmanas, a modificação do "chamado para a oração" (adhan), que passaria a dizer "reze em suas casas" ao invés de "venha para a oração", bem como a utilização de plataformas de streaming para a transmissão de ritualísticas islâmicas tendo em vista a mitigação da contaminação - são exemplos que demonstram uma predisposição a adaptar-se às situações de adversidade que as fontes tradicionais da religião já relatavam no exemplo do Profeta e de seus companheiros. Buscando uma perspectiva teórico-metodológica que evidencie essas reorganizações nos espaços virtuais, frutos também da obediência à religião islâmica, este trabalho propõe descrever e analisar algumas dessas iniciativas, descrevendo movimentos da comunidade muçulmana em redes sociais. A proposta é mapear no Brasil um campo internacionalmente explorado por autores como Gary Bunt ("Hashtag Islam: How Cyber Islamic Environments are Transforming Religious Authority") e Robert Rozehnal ("Cyber-Sufis: Virtual Expressions of the American Muslim Experience") e que pode ser identificado como Cyber Islam brasileiro.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

